

The relevance of Fact Checking during Elections PT (Portuguese)

[00:00:18] Meu nome é Alphonse Shindu. Eu sou o editor do Quênia para o Africa Check. Trabalho como jornalista e editor nos últimos 15 anos abordando diferentes aspectos das políticas públicas, da política e da legislatura. Agora, esse curso online ocorre em um bom momento porque acabamos de terminar a eleição presidencial queniana de 2022. E há outros países no mundo que estão se preparando para eleições como o Brasil no final de setembro e outubro na Nigéria no início do próximo ano. Então, ao encerrar a temporada eleitoral e preparar-se para outra rodada, acho que estamos num ótimo lugar para falarmos sobre desinformação, falar sobre misinformation e todas as coisas relacionadas a ela. Neste curso, você ouvirá muito sobre desinformação, misinformation (informação incorreta) e até mesmo um conceito conhecido como malinformation (má-informação). Você também pode ouvir muito sobre propaganda política. E o que posso dizer é que quando as pessoas falam sobre essas coisas, elas estão se referindo a todo um espectro de informações falsas a partir de meios de fofoca e até informações falsas criadas deliberadamente que são divulgadas com a intenção de enganar. Então, eu definiria rapidamente alguns desses conceitos para que, quando mencionamos misinformation, quando mencionamos desinformação, mencionemos malinformation, todos nós sabemos do que estamos falando. O que é misinformation? É quando alguém compartilha uma informação sem saber que ela é falsa ou enganosa. Normalmente, pode ser um pouco mais avançado nas redes sociais, como um vídeo ou uma foto mostrando um político dizendo algo engraçado ou dizendo algo assustadoramente antigo. O instinto para a pessoa que o compartilha geralmente não é verificar primeiro, mas transmiti-lo. Normalmente, as pessoas que o compartilham não sabem se é verdade ou não, então não sabem. Então, eles divulgam informações incorreta de forma que não é intencional. Por outro lado, temos a desinformação que é quando alguém compartilha deliberadamente uma informação falsa ou enganosa com a intenção de enganar. Por exemplo, alguém pode alegar falsamente que um candidato político se demitiu, prendeu ou desertou para um partido rival para assim enganar os apoiadores, semear apatia ou até mesmo estabelecer bases para a supressão de eleitores. O último conceito para eu definir é a malinformation, que é quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, porque digamos que talvez as informações são corretas mas são exageradas de uma forma que engana ou causa danos, provavelmente porque as informações estão sendo usadas fora do contexto. Pense em vazamentos de informações, quando informações projetadas para permanecer privadas, secretas ou confidenciais de repente acabam na esfera pública e é interpretada fora do contexto e, com isso, naturalmente, isso acaba sendo falso ou enganoso. Portanto, como as informações falsas se manifestam durante as eleições? A experiência da Africa Check e dos diferentes países que operamos no continente africano, como a Nigéria, Senegal, África do Sul e no Quênia, é que a informação falsa se manifesta de maneiras diferentes. Uma dessas maneiras é falsificar as primeiras páginas de jornais que são fabricadas com histórias falsas sobre partidos políticos, sobre candidatos, sobre políticas, e então elas são publicadas e vistas nas redes sociais. A outra é sobre vídeos fabricados, que alguns podem ser colocados em modo lento para mostrar uma figura pública como, digamos, bêbada, ou são editados para fazê-los dizer coisas incendiárias, declarações bobas ou até mesmo falsificações, quando você vê figuras públicas dizendo coisas que normalmente não diriam. E, de certa forma, eles são alimentados por aprendizado de máquina e inteligência artificial. Também vimos transmissões manipuladas, transmissões de notícias que são manipuladas, onde a legenda é editada e o tipo de conteúdo, os vídeos que o áudio é instigante e isso leva a um conteúdo muito, muito falso. E então temos fotos adulteradas no photoshop, há histórias inventadas nas redes sociais com coisas sobre conspirações. Temos capturas de tela de postagens falsas nas redes

sociais, bate-papos de texto fabricados. Também vemos hashtags patrocinadas, que neste caso as empresas de mídias sociais as chamam essas ações não autênticas e coordenadas, em que existe uma espécie de astroturfing para manipular os algoritmos de tópicos populares nas mídias sociais, de modo que, quando se tornarem tópicos populares nas mídias sociais, a expectativa é que eles acabem como uma agenda de notícias. E, claro, temos declarações públicas não verificadas, feitas por figuras públicas, seja pelos políticos da campanha, por seus porta-vozes. Muito disso é um exagero das conquistas de políticos ou relutantes a uma série de oponentes. Quem são os atores que espalham informações erradas? Tentamos agrupar esses atores em 4 categorias. Então, pensamos neles como, digamos, os freelancers contratados para criar narrativas online estruturadas ou semeadas. Às vezes as chamamos de milícias online, às vezes as chamamos de guerreiros do teclado. Mas esses são freelancers que estão mentindo para o governo, para a oposição ou disponíveis para os grupos de eleitores. Eles dependem do solicitante com lance mais alto, dependendo então de quem dá o lance mais alto. Então, temos esse grupo de pessoas, e depois temos os golpistas e fraudadores que fingem dizer, por exemplo, que um candidato está recrutando pessoas e então eles pedem que você dê algum dinheiro para ser recrutado. E assim as pessoas são enganadas e entram em contato com elas. Alguns dizem que estão dando mercadorias para a campanha e pedem que você pague pela entrega. E uma vez que você pagou o dinheiro, ele nunca mais volta. E então esses são aqueles que realizam falsos concursos de popularidade com prêmios e há outros que aparecem como pesquisadores de opinião e eles enganam candidatos e partidos políticos pedindo seu dinheiro fingindo vender pesquisas de opinião. Também temos entre os atores que espalham informações falsas nas figuras públicas, nos políticos, nos partidos políticos. E isso, como mencionamos anteriormente, é uma difamação contra os oponentes onde se afastam de seus fracassos, das deficiências de seu registro público ou exageram nas conquistas. E, por fim, temos a mídia convencional e comunitária, que inadvertidamente, na velocidade de dar notícias, acaba publicando informações não verificadas. Então, na forma de campanhas políticas em um país polarizado, isso se torna muito perigoso para a estabilidade, isso corrói a confiança do público na mídia e torna a mídia alvo de ataques offline e online onde há alegações de vieses e a de terem tomado partido. Às vezes, isso também acontece quando rumores são incitados durante programas de chamadas de rádio e não podem ser verificados, mas são repetidos pelos chamadores subsequentes. Então, temos que perguntar: por que todas essas informações falsas se espalham por toda parte durante as eleições? É porque o terreno é fértil para informações falsas? Seria porque é fácil dado que as pessoas não verificam? O que posso dizer da verificação de fatos que fazemos há algum tempo é que a arte da propaganda política é tão antiga quanto a própria democracia. Então, em tal competição, à medida que as pessoas buscam o poder, elas farão de tudo para vender a agenda aos eleitores e fazer com que seus oponentes percam votos. Então, essa busca pelo poder é uma das razões pelas quais a desinformação se espalha e vimos políticos em diferentes países compartilhando estatísticas obviamente falsas, obviamente vídeos falsos, conteúdo de áudio e informações pintando os oponentes, por exemplo, como corruptos, como ladrões, como mentirosos e depois eles apagaram tudo isso. Portanto, a arte da propaganda política é uma das razões. É como se pensássemos na propaganda como um dos kits de ferramentas que os políticos estão tentando disseminar em todo o mundo para impulsionar sua agenda. Infelizmente, grande parte disso é realizado de uma forma que às vezes é incendiária, de uma forma que às vezes é enganosa ou de uma forma que às vezes é muito, muito perturbadora e assustadora para as comunidades e para as pessoas, para os cidadãos e para os eleitores. Na África, durante as eleições, tendemos a ter fontes oficiais ou figuras públicas com cargos públicos que tendem a receber credibilidade automática devido à legitimidade dos cargos. Muitas pessoas tendem a acreditar que só porque algo é oficial, então deve ser verdade.

E esse é frequentemente o caso. E os políticos muitas vezes, especialmente os titulares, aprenderam a usar o poder da incumbência para enganar, divulgar estatísticas fortes sobre as conquistas, divulgar números errados sobre as conquistas. A próxima motivação para a disseminação de informações falsas é o dinheiro. Então, como mostram os relatórios no continente e no Quênia, campanhas políticas pagam pessoas, pagam empresas, contratam fundos para criar e espalhar informações falsas. Vimos isso no Quênia em 2013 e em 2017 com a já extinta Cambridge Analytica. E em 2022, vimos o modus operandi similar sendo implantado para criar ou poluir o ambiente eleitoral. É pouco provável que isso pare, pois existe toda uma indústria de desinformação que está prosperando no Quênia, que é sustentada e alimentada pela desinformação política. E, por fim, temos a alfabetização digital. Portanto, essa é uma das coisas que devemos abordar para que as pessoas entendam como identificar informações de qualidade, como verificar as informações contestadas antes de compartilhá-las, antes de encaminhá-las conforme recebidas, e como interromper e por que precisam interromper o fluxo de informações falsas. Portanto, as pessoas precisam entender que ter um smartphone também exige que você entenda a natureza algorítmica de como a Internet funciona. Entre os pontos relacionados ao ponto de números baixos, trata-se dos indivíduos conectados no continente africano, especialmente nas áreas rurais há pouquíssimas pessoas conectadas ao smartphone. Assim, você descobre que uma pessoa conectada ao smartphone se torna a última fonte de notícias do WhatsApp e isso cria o fenômeno do telefone quebrado em comunidades rurais pobres e acaba enganando muitas pessoas. E, por fim, existe a religião. A religião no continente desempenha um papel na poluição do ecossistema da informação por causa do que eu chamaria de religiosidade tóxica e inquestionável, onde você tem líderes religiosos que são capazes de reunir o rebanho para um candidato em particular ou uma pessoa em particular com uma promessa falsa. E que votar nessa pessoa garante bênçãos de forma que os eleitores e os cidadãos sejam ameaçados se eles não votarem nessa pessoa, o que então seria uma condenação eterna. Então, todas essas coisas, os quatro itens que tornam essa luta muito difícil, o que facilitou a disseminação dessa informação falsa por meio da propaganda política, onde as figuras públicas que criaram essa noção de que, como algo é oficial, deve ser verdade, o dinheiro, o analfabetismo digital e religião. E, por fim, chegando ao final da minha fala, gostaria apenas de dizer quais são as intervenções que funcionariam nos diferentes contextos em que operamos ou em qualquer pessoa que esteja sintonizada com este curso. Então, a primeira intervenção é o que fazemos na Africa Check, e isso é checagem de fatos. A verificação de fatos é essencialmente analisar uma afirmação que foi feita em público e verificar se a afirmação é verdadeira, se é apoiada por evidências, se essa evidência está disponível publicamente e se a alegação está sendo feita dentro do contexto. E você tem que, em forma abreviada, separar os fatos da ficção. A outra coisa que podemos fazer para interromper o fluxo de informações falsas ou o ciclo de desinformação e misinformation durante as eleições, é o que chamamos de clínicas de alfabetização midiática. Então, isso envolve apenas treinar, fazer apresentações, realizar sessões públicas com pessoas, eleitores, jornalistas, a sociedade civil, funcionários públicos, para que eles entendam por que precisam fazer reivindicações apoiadas por evidências. Também é necessário engajar a mídia por meio de pessoas que estão tentando combater informações falsas ou a disseminação de informações falsas de forma que amplifiquem as informações corretas. E sempre que eles checarem as informações e descobrem que a figura pública está fazendo alegações enganosas, então eles chamam a figura pública e pedem à figura pública que corrija esse tipo de desinformação. Esses tipos de aliados, construindo aliados dentro do ecossistema da informação, construindo comunidades que trabalham juntas para combater informações falsas, tem sido útil no espaço queniano. E a outra coisa em que precisamos pensar é em como comunicar informações precisas. Portanto, a desinformação geralmente é atrativa. É feita de uma

forma que se presta às emoções de uma forma que simplesmente entra ou aparece nas mídias sociais. O que temos que pensar como pessoas interessadas em fazer isso, combatendo todas as falsas informações durante as eleições, temos que pensar em uma maneira de fornecer informações precisas, de forma didática e fácil de entender. Portanto, a verificação de fatos geralmente é apreciada. O que fizemos no Quênia, por exemplo, fizemos uma parceria sob uma iniciativa chamada Fumbua, que é desmascarar ou descobrir no idioma Kiswahili e o que isso fez foi reunir juízes, podcasters, reunir criadores de conteúdo, cartunistas e juntamos os verificadores de fatos de uma forma que era muito digerível com vídeo, com os gráficos que tínhamos, de uma forma que era fácil de entender, compartilhar e consumir. Então, isso é tudo que eu gostaria de compartilhar com vocês a partir da experiência de cobrir eleições no Quênia, e espero algumas das ideias que compartilhei lhes sejam úteis. Muito obrigado.